

O sinal

Estou no ônibus que para em frente ao colégio. Da janela, vejo, com uma ponta de melancolia, o pátio de recreação repleto de crianças uniformizadas. Há um grupo, alvoroçado, que disputa desordenadamente uma bola de futebol; outro, mais ao fundo, manuseia celulares e alguns apetrechos não identificáveis, e ainda mais outro, junto ao muro, que põe em dia uma conversa particular. Ainda antes que o ônibus dê a partida, ouço um sinal estridente que, com a certeza de quem já o vivenciou, deve estar anunciando o fim do recreio e o retorno às aulas.

O ônibus parte. E com a mesma velocidade, entre uma marcha e outra, aquele sinal dispara o meu pensamento na direção de meus onze anos e me põe sentado em uma das carteiras do colégio Batista, no bairro do Ingá, em Niterói. Logo em seguida, soa um sinal para o recreio e nós, infantoalunos, não perdemos tempo com as últimas palavras do professor. As meninas são mais comportadas, ou então disfarçam bem melhor aquela sofreguidão. E saímos em disparada. Eu carrego comigo o meu sanduíche, preparado em casa, e o papel de pão que o envolve já libera um cheirinho do succulento conteúdo. Passo na cantina simples, que fica no caminho para as salas de aula, e compro um copinho de refresco de uva. Pronto: é o meu recreio. Muito tempo depois, as crianças vislumbrariam em local destacado no pátio do colégio uma sofisticada franquia do *McDonald's*, cuja tecnologia de *fast food* faria a festa da garotada. Mas agora, não. A minha festa é o meu recreio solitário, e o meu pequeno pão e o meu refresco dispensam todas as tecnologias.

Mais um tempinho e soa novamente o sinal. Voltamos às aulas.

Antes, porém, eu olho por cima do muro e vejo um ônibus estacionado no seu ponto. A minha atenção se volta para alguém sentado à janela, em idade avançada, que nos observa com expressão de melancolia, talvez lembrando o seu tempo de estudante no pátio repleto de crianças uniformizadas em um colégio do seu tempo...